



REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA DRAMATURGIA E NA CENA TEATRAL: UMA ANÁLISE DE *VEREDA DA SALVAÇÃO* DE JORGE ANDRADE

André Luís Rosa (Universidade Estadual de Maringá)

Julie Ndinga Zeferino da Silva (Universidade Estadual de Maringá)

alrosa@uem.br

Resumo:

Analisou-se a dramaturgia *Vereda da Salvação* (1965), de Jorge Andrade, com foco na representatividade negra no teatro brasileiro. A partir de uma perspectiva afrorreferenciada e anticolonial, investigou como as montagens de 1993, realizada pelo Centro de Pesquisa Teatral (CPT), e de 2022, pela Cia. Beradeiro, refletem os marcadores sociais de corpos¹ negras nos processos de criação. A montagem de 1993 contou com um elenco embranquecido e cisgênero, desconsiderando a racialização das personagens, enquanto a de 2022 apostou na diversidade, com artistas negras e dissidentes, ressignificando a obra. A pesquisa concluiu que a inclusão de corpos negras é uma estratégia política e histórica para transformar as estruturas de poder no teatro e na dramaturgia.

Palavras-chave: Representatividade; Dramaturgia; Teatro Negro; Encenação.

1. Introdução

Esta pesquisa analisa, sob uma perspectiva afrorreferenciada e anticolonial, a peça *Vereda da Salvação* (1965), de Jorge Andrade, com foco na representatividade negra no teatro brasileiro. O estudo investiga como diferentes dimensões dramatúrgicas da obra evidenciam formas de representação e sub-representação de corpos negros, por meio da análise das montagens do CPT - Centro de Pesquisa Teatral (1993) e da Cia Beradeiro (2022).

¹ A escolha do termo "corpas" em vez de "corpos" visa subverter a concepção tradicional de corpo, trazendo uma abordagem que reconhece a pluralidade, a materialidade e a vivência de corpos dissidentes, especialmente os negros, periféricos e marginalizados. O termo reflete uma perspectiva crítica de descolonização da linguagem e das práticas sociais que tendem a invisibilizar ou normatizar determinadas corporeidades e subjetividades que escapam das normatividades cisgêneras e brancas, destacando a interseção entre identidade, raça e gênero.



Parte-se do entendimento de que a dramaturgia brasileira, historicamente atravessada por estruturas coloniais, tem reproduzido o apagamento das experiências negras. Ao examinar encenações em distintos contextos, busca-se compreender se as encenações do texto teatral de Andrade reforça ou tensiona essas estruturas, especialmente na composição de personagens, escolha de elencos e nas leituras cênicas adotadas. Com isso, propõe-se uma reflexão mais ampla sobre a presença negra no teatro, questionando o papel das estruturas hegemônicas na limitação de vozes dissidentes e na centralidade da branquitude nas narrativas teatrais.

A peça, baseada em um episódio real ocorrido em Malacacheta (MG) nos anos 1950, retrata trabalhadores rurais sem terra conduzidos a um delírio religioso que culmina no sacrifício de crianças. Apesar do cenário sertanejo e da predominância de pessoas pretas e pardas na região, a montagem de 1993 dirigida por Antunes Filho, optou por um elenco majoritariamente branco, revelando a persistência do embranquecimento na cena teatral.

Esse estudo se insere em uma trajetória de luta por representatividade negra no teatro, conectando-se a iniciativas históricas como o Teatro Experimental do Negro (TEN) e o Teatro Profissional do Negro (TEPRON), que buscam romper com o silenciamento imposto às vivências negras pelas estruturas dominantes:

[...] um dos motivos para a fundação foi quando constatou a pouca participação de negros em espetáculos teatrais, sendo que, quando isso ocorria era-lhes designados papéis quase que de figuração, sem relevância no enredo e reforçadores da desvalorização dos afrodescendentes na produção cênica (Sousa; Rosário, 2021, p. 08).

Ao contrário da montagem de 1993 pelo CPT, centrada na denúncia de questões sociais como a miséria, o fanatismo religioso e os massacres, a versão de 2022 da Cia Beradeiro, dirigida por Fabiano Amigucci e Fagner Rodrigues, amplia a abordagem para incluir, de forma mais explícita, intersecções de classe, gênero e raça. Embora essas questões não sejam tratadas diretamente no texto original, tornam-se evidentes pela escolha de corpos dissidentes no elenco, trazendo novas camadas de leitura à obra.



Essa releitura atualizada rompe com a interpretação tradicional, oferecendo uma visão mais plural e representativa da realidade brasileira e alinhando-se a uma perspectiva anticolonial nas artes cênicas. Assim, a montagem de 2022 amplia a visibilidade de corpos negros e dissidentes, historicamente marginalizadas no teatro.

2. Metodologia

Adota-se uma abordagem qualitativa e bibliográfica, que possibilita um exame aprofundado das representações negras no teatro tanto a partir de perspectivas brancas quanto não brancas. A análise comparativa entre diferentes interpretações e encenações permite identificar padrões e rupturas na forma como corpos marginalizados são retratados. Ao longo do estudo, busca-se fomentar uma reflexão crítica sobre a necessidade de descolonizar dramaturgias e processos cênicos, ressignificando narrativas e histórias a partir de um olhar racializado e inclusivo. Mais do que um exame da obra de Jorge Andrade, esta pesquisa contribui para a ampliação dos debates sobre equidade racial no teatro e para a construção de um imaginário cênico que valorize e respeite as múltiplas vozes da cena brasileira.

3. Resultados e Discussão

A discussão sobre representatividade vai além da ocupação dos palcos e se estende para a formação de profissionais negros nas artes cênicas, para o incentivo à dramaturgia que contemplam essas perspectivas e para a abertura de oportunidades em todas as instâncias do fazer teatral, da direção à produção. Somente assim será possível construir um teatro verdadeiramente democrático e representativo da diversidade brasileira.

Como podemos, enquanto sociedade e artistas, continuar a descolonizar e escurecer os palcos do teatro brasileiro, promovendo uma representação justa, orgânica e real das corporeidades negras, de modo que a diversidade e a complexidade dessas identidades possam ser celebradas e respeitadas? O desafio persiste, e cabe a todos os agentes do teatro — artistas, críticos, produtores, gestores culturais e público — se comprometerem com essa transformação, para que o teatro não apenas reflita, mas também impulsionie mudanças estruturais em nossa sociedade.



4. Considerações

Ao longo desta investigação, ficou evidente que a representatividade negra nas artes cênicas brasileiras ainda enfrenta grandes desafios. A montagem de *Vereda da Salvação*, de 1993, embranqueceu as personagens principais, e reflete o caráter colonial ainda vigente no teatro. Esse fenômeno não se restringe apenas à ausência de corpos negros nos palcos, mas também à forma como narrativas são construídas e perpetuadas, muitas vezes reforçando uma visão eurocêntrica e homogênea da sociedade brasileira.

No entanto, a montagem de 2022, ao contar com pessoas artistas negras e não cisgêneras, abre caminho para uma nova abordagem, mais inclusiva e sensível à realidade das corpos marginalizadas e dos elementos constitutivos da dramaturgia. Essa mudança não se limita à escolha do elenco, mas implica uma reconfiguração da própria estrutura dramatúrgica, evidenciando como o teatro pode ser um espaço de contestação e ressignificação. A inclusão dessas vozes e dessas presenças nos palcos não é apenas uma questão estética, mas também política e histórica, refletindo a necessidade de transformar as estruturas de poder no teatro e na sociedade.

Referências

- ANDRADE, Jorge. **Vereda da salvação**. In: Marta, a árvore e o relógio. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- SOUSA, E. A.; ROSÁRIO, Y. L. M. Teatro e identidade negra: as nuances da representação identitária em desfuga, de Ubirajara Fidalgo. **Revista de Letras - Juçara**, [S. I.], v. 5, n. 01, p. 398–416, 2021.